



Da inspiração divina à eterna memória: o poeta e a poesia na Grécia Antiga

From Divine Inspiration to Eternal Memory: The Poet and Poetry in Ancient Greece

Larissa Dantas Camargo Mello¹

Resumo: O presente artigo empenha-se em explorar a importância do poeta e da poesia na Grécia Antiga, assinalando a relevância central de tal díade na sociedade helênica. Reflete-se a figura do poeta como transmissor de todo um arquipélago de saberes: narrativas fundantes, valores culturais e outras categorias de conhecimento que propiciavam ao sujeito devida situação na comunidade em que se encontrava inserido. A poesia, por sua vez, é um método específico de se estruturar e propagar determinado conteúdo cultural, equivalendo ao “como” do poeta, o meio pelo qual um indivíduo insere-se na categoria dos poetas. Assinalando o desempenho da poesia na formação da identidade grega, como ferramenta que reflete e molda a cosmovisão e os ideais da sociedade, examinaremos os matizes que definem o poeta e a atividade poética como canais de inspiração divina que cristalizaram juízos na memória dos gregos arcaicos e, de maneira mais abrangente, no repertório cultural compartilhado da humanidade.

Palavras-chave: Grécia Antiga; Poesia; Poeta; Oralidade; Memória

Abstract: This article seeks to explore the importance of the poet and of poetry in Ancient Greece, highlighting the central relevance of this dyad in Hellenic society. The poet is understood as the transmitter of an entire archipelago of knowledge: foundational narratives, cultural values, and other categories of knowledge that provided individuals with their proper place within the community in which they were embedded. Poetry, in turn, is a specific method for structuring and disseminating cultural content, corresponding to the “how” of the poet, the means by which one enters the category of poets. By underscoring the role of poetry in the formation of Greek identity, as a tool that reflects and shapes the society’s worldview and ideals, we examine the nuances that define the poet and the poetic activity as channels of divine inspiration that crystallized judgments in the memory of archaic Greeks and, more broadly, in the shared cultural repertoire of humanity.

Keywords: Ancient Greece; Poetry; Poet; Orality; Memory

Introdução

A poesia e o poeta desempenharam uma função fundamental para a manutenção da sociedade grega antiga servindo de meio de expressão, perpetuação de identidade e,

¹ Doutoranda em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora, mestra pela mesma instituição e bacharel em teologia pela Universidade Metodista de Juiz de Fora. Recebe auxílio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3581-7590>. ID Lattes: 5973215029513413



portanto, ocupando o posto de guardiões da paisagem mnemônica e cultural do povo. Os poetas, inspirados pelas Musas, ao cantarem sobre as origens cosmogônicas e os deuses, concediam ao povo um horizonte de atuação e uma plataforma simbólica que possibilitava a articulação e o florescimento da comunidade.

Amparados nessa paisagem mnemônica e cultural e orientados por seus relativos contextos históricos, foram figuras significativas no seio da tradição grega antiga por difundirem um repertório que corroborou com a formatação intelectual e imagética de seu tempo. Ao cantarem o que “já fora cantado” por seus predecessores, os poetas – capazes de assimilar a esfera divina e a experiência humana –, não apenas falavam mais do mesmo, mas preservavam na memória a matéria que possibilitara o desenvolvimento do povo, e a atualizava, ainda, em novos desdobramentos que iriam ao encontro com a realidade presente de seus contemporâneos. Por ser passível de novas reelaborações sem que se perca um fio condutor que lhe harmonize, a poesia é e se faz viva por meio do canto de seus poetas.

É nesse contexto que se depreende o presente artigo. Com o devido rigor em sua formulação, realizando recortes contextuais específicos e costurando-os de modo a possibilitar uma compreensão adequada do tema, a pesquisa busca inquirir sobre a função da poesia e do poeta na equação da sociedade da Grécia Antiga. Para tanto, recorreremos à abordagem qualitativa de caráter teórico-interpretativo, ancorada na investigação de fontes primárias e secundárias ao que tange à poesia e religião na Grécia Antiga. O levantamento de fontes bibliográficas literárias e históricas nos permitam explorar a diáde poesia-poeta e sua influência na constituição da geografia simbólica e intelectual de seu tempo. Pode-se citar como fonte primária o uso da obra atribuída a Hesíodo, texto poético-mítico, do período arcaico; como fontes secundárias, pode-se, por sua vez, citar autores comentadores da filologia clássica e da teoria da oralidade, como Vernant, Burkert, Otto e Torrano.

Crê-se que, a seleção bibliográfica delimitada pelo artigo e a escolha pelo procedimento metodológico de caráter qualitativo, interpolado por leitura cruzada das fontes, auxiliará na identificação de conceitos e categorias que permitam expandir o horizonte epistêmico e hermenêutico da função do poeta e da poesia na paisagem da Grécia Antiga, considerando-se que o artigo consiste em atender perguntas, narrar e descrever acontecimentos, investigar significados que conceituam fenômenos e avaliar



desdobramentos (Engler; Strausberg, 2011) Por fim, a averiguação de caráter interpretativo não pretende exaurir o tema, mas elucidar um enfoque específico da relação entre poesia e do poeta. Ao iluminar esse pequeno recorte da malha epistêmica grega arcaica, poderemos nos aproximar, ainda que de modo singelo, desse importante vetor da tradição dos gregos antigos que ainda ecoa até nossos dias e nos fascina.

1. A tradição oral e a memória na atividade poética

Para que se realize uma análise adequada relativa às questões da poesia e do poeta na Grécia Antiga, é imperativo que se efetue um devido antepasso que consiste em perscrutar e salientar as tônicas da tradição oral e da categoria da memória como elementos de caráter fundamental na elaboração, desenvolvimento e transcurso da própria atividade poética grega antiga.

A tradição oral desempenhou um papel crucial na Grécia Antiga, com ênfase no contexto da poesia. Um breve deslocamento contextual nos possibilita compreender a dimensão da relevância da propriedade oral e da função mnemônica. Antes do advento e popularização da escrita, a conservação e transmissão de todo repertório cultural, dos saberes tradicionais e suas narrativas, se dava por meio da oralidade e, portanto, contava com o apoio da memória como auxiliar fixante². Para Vernant (2006, p. 15) a transmissão oral consistia em duas dimensões: os *mýthoi* e a voz dos poetas.

A primeira modalidade de difusão, os *mýthoi*, consistia na dimensão “boca a boca”, a parte da tradição que era apresentada nos lares, principalmente pelas mulheres. São as fábulas, os contos, as histórias, que desde a tenra idade situavam o sujeito no universo epistêmico e hermenêutico em que ele estaria inserido pelos anos seguintes de sua vida. São ainda, justamente por abraçar os indivíduos desde a infância, os primeiros componentes a despontar na geografia imagética da comunidade e funcionam como balizas na articulação mental referente ao divino.

A segunda modalidade de difusão, a voz dos poetas, é o meio pelo qual – de modo sistêmico e acessível – o mundo dos deuses era exposto e divulgado em festas oficiais, banquetes, jogos e competições. O poeta, portanto, assume um papel de guardião de todo

² Nagy (2013, p. 51) elucida: “A escrita não se tornou uma tecnologia amplamente difundida no mundo grego antigo até por volta do século V a. C., e mesmo assim foi confinada às camadas mais altas da sociedade. No período arcaico da história grega (isto é, a era que se estende do século VIII até meados do século V), a ideia de registro era principalmente uma questão de memória e de técnicas de memória, mnemônicas.”



patrimônio social coletivo que equivale à sapiência social e de costumes, e espiritualidade da Grécia:

É na poesia e pela poesia que se exprimem e se fixam, revestindo de uma forma verbal fácil de memorizar, os traços fundamentais que, acima dos particularismos de cada cidade, fundamentam para o conjunto da Hélade uma cultura comum – especialmente no que concerne às representações religiosas, quer se trate dos deuses propriamente ditos, quer dos demônios, dos heróis ou dos mortos (Vernant, 2006, p. 16).

A poesia, por conseguinte, não se resume numa manobra meramente recreativa, mas, sim, corresponde a um verdadeiro arquipélago de memórias sociais. No canto poético, as estruturas fundantes do cosmos são evocadas e desnudam o norte simbólico da comunidade. Justamente por cantar as origens do mundo e os feitos heroicos cardinais que possibilitaram a eclosão da sociedade, os poetas direcionavam, para os seus ouvintes, questões existenciais peculiares sobre sentido.

Há, ainda, a dimensão política e de formação da pólis por meio da construção da identidade cívica, destacada pela historiografia contemporânea. Para Detienne (1988), historiador belga, por mais que o poeta arcaico não tenha pertencido, deliberadamente, ao espaço político da pólis, sua palavra, por ser articulada num contexto de apreensão de verdade precedente ao discurso político, teve desdobramentos significativos sobre as estruturas de poder, como uma matriz simbólica de autoridade e memória social. Nesse sentido, o canto, por preservar e transmitir considerações mnemônicas, teve efeitos na esfera na identidade cívica, e apesar de ser pré-político no sentido cronológico³, desdobrou-se e manifestou sua eficácia simbólica e social.

Percebemos, dessa forma, que a faculdade oral é sobremodo importante para o corpo social dos gregos antigos por ser veículo elementar da transmissão do acervo cultural. Outrossim, considerando-se que o conjunto de saberes tinha como ferramenta transmissória a oralidade, vale assinalar os contornos do que, nesse determinado contexto, podemos chamar de memória, o labor mnemônico, que é, nada mais nada menos, o estrado que possibilita e por onde percorre tal perpetuação de saberes.

A memória, para os gregos antigos, era mais do que um simples ato de lembrança. A memória era, sim, a capacidade de acessar um determinado conteúdo outrora retido, no

³ Detienne (1988) situa o canto poético arcaico num horizonte temporal anterior à distinção entre poética, religião e política.



entanto, não se nivelava, unicamente, na ação de recordar acontecimentos *ipsis litteris*, como se um evento pontual permanecesse definitivamente cristalizado no passado. Por não ser um evento fixo como acontece com a escrita, possui, em sua formatação particular, contornos mais flexíveis. Na escrita, a materialidade, por si mesma, já indica certa rigidez: o que foi escrito, foi escrito. Se um elemento textual grafado não sofrer alterações por meio de terceiros, permanece o mesmo. Já a dinâmica da memória, articula-se por registros diferentes.

Notoupolos (1938), ao falar sobre a Mnemosyne – a figura mítica da memória – assinala que à medida em que a oralidade foi perdendo espaço para a escrita, a titânide⁴ foi sendo, pouco a pouco, obliterada. O movimento não causa surpresa, na verdade, é esperado: a memória é precisamente relevante na comunicação oral, já na escrita é adendo. No entanto, o registro bifásico da palavra falada, “oralidade-memória”, exige um componente singular não exigente no registro da palavra escrita: a presença de uma pessoa. O texto escrito dispensa a presença de quem o escreveu. A palavra falada exige a presença de quem a profere. Essa diferença entre as categorias, da palavra professada e da palavra escrita, é expressiva. São formas distintas de se relacionar com toda uma esfera particular (no caso desse artigo: a comunicação) que inauguram, cada uma à sua maneira, seu próprio universo, com suas próprias leis e possibilidades. A presença de um locutor é um elemento *conditio sine qua non* da oralidade. Dessa forma, podemos dizer que em sua dinâmica interna, a oralidade é mais “viva” do que a escrita por estabelecer um vínculo entre locutor e audiência dispensado na literatura escrita (Krausz, 2007, p. 18).

Tal vivacidade, elemento qualificante da transmissão oral, aponta para um aspecto considerável da categoria mnemônica. Por requerer a presença de um locutor, a palavra falada – que é retida na memória – é passível de desdobramentos e de novas formulações. A memória é, digamos, mais “plástica”. No entanto, é importante que se frise que a passibilidade de desdobramentos dos elementos retidos pela e na memória não coincide com o que conhecemos ordinariamente por mentira⁵, por conseguinte, não a desqualifica.

⁴ Mnemosyne é uma titânide, filha de Gaia e Urano (Junito Brandão, 2015, p. 21).

⁵ Há um estudo bastante instigante de Jacyntho Lins Brandão (2000) em *As Musas ensinam a mentir*, que problematiza a parelha “*alethéa* e *pseúdea*” pelo registro das Musas e da memória. O autor expõe que por serem filhas de Mnemosyne (figura mítica da memória) e Zeus (figura mítica da ordem e distribuição de bens), as Musas não podem cantar uma verdade absoluta de maneira irrestrita. Sem opor verdade (*alethéa*) e mentira (*pseúdea*), Brandão sugere, ao falar da Teogonia de Hesíodo, que as Musas dizem “coisas que se tiram do esquecimento” (*alethéa*: “*alethés*” como negação de “*lethes*”, esquecimento), ou seja, elas rememoram e evocam verdades fundantes – e aqui afirmam o princípio de onde vêm: a memória,



O repertório que reside na memória está em constante formulação, justamente, por depender de um sujeito que, por sua vez, é vivo e está inserido em determinado tempo histórico e em determinada topografia. Em outras palavras: parte significativa do repertório mnemônico não é necessariamente proveniente única e exclusivamente do sujeito, mas percorre o fluxo da ancestralidade, vem de seus antepassados, é tradição, portanto, não apenas se desenvolveu num tempo recorrente, mas continua a se desenvolver no “aqui e agora”, isto é, no cenário da própria vida vigente (Nagy, 1996, p. 15). Desse modo, o sujeito-locutor que acessa a memória é, antes, atravessado por ela que, posteriormente, será, por ele, reformulada, performada e proferida em concordância com determinada teleologia que, no caso dos poetas gregos antigos, deveria estar balizada pelos contornos da própria tradição e ancorada na vida comunitária.

A poesia da Grécia Antiga se instaura nessa rede contextual temporalmente longínqua para nós, nos dias de hoje. Oralidade, memória e tradição são as artérias que impulsionavam substância epistêmica e hermenêutica, imagética e simbólica para o desenvolvimento e manutenção de toda comunidade. A atividade poética oral, por conseguinte, é aquela que irrompe como coroa dessa tríade funcional:

A poesia oral é, portanto, o instrumento por meio do qual a história de uma comunidade e as narrativas que tratam de suas origens mais remotas são contadas e recontadas. Por meio da poesia oral, cada membro da sociedade estabelece vínculos com seu passado coletivo, de tal forma que a existência individual transcende os limites da experiência imediata para alcançar uma dimensão ulterior, um âmbito que não está sujeito às leis e às limitações da temporalidade, isto é, a esfera do sagrado. A memória, preservada por meio da poesia oral, torna-se assim, uma forma de transcender as limitações intrínsecas à condição humana, para alcançar um âmbito habitualmente reservado aos deuses (Krausz, 2007, p. 18).

Há, ainda, três considerações que não devem passar despercebidas do movimento em que se laureia a atividade poética como efeméride da perpetuação do corpo cultural da comunidade. O primeiro é uma breve constatação referente à própria condição de possibilidade da poesia, em outras palavras, se ausente o registro trino (vide figura 1) que

Mnemosyne; mas, também podem dizer várias *pseúdea*, “coisas semelhantes com as autênticas”, assinalando assim que elas *não são* a memória, mas, sim, uma mescla de potências. Se as Musas cantassem apenas lembranças de verdades fundantes, elas estariam negando a própria condição que lhes possibilitou surgimento (a junção de Mnemosyne com Zeus) e seriam, portanto, a *própria memória*.

consiste na coadunação entre oralidade, memória e tradição, não haveria o pavimento necessário para que a atividade poética pudesse florescer na Grécia Antiga; segundo: ao postular a atividade poética como guardiã e propagadora do arquivo cultural da sociedade, uma ênfase considerável surge na condição das palavras que passam a ser mais do que um amontoado de letras transmissórias de uma série de referências. Sob esse espectro, as palavras não apenas difundem mensagens, mas são verdadeiros meios de se *evocar*⁶ presenças; e a terceira consideração, por último, que consiste no expressivo espelhamento que acaba por despontar no *modus operandi* da poesia e da própria articulação da tríade⁷.

Figura 1- Atividade poética: oralidade, memória e tradição



Fonte: Figura elaborada pela autora (2026).

Levando-se em conta que a primeira consideração é uma constatação iminente, ponderemos, portanto, sobre as duas subsequentes: a ênfase na condição das palavras como meios de evocação de presenças e a reverberação e espelhamento entre a atividade poética e as três partes que constituem o que lhe garante condição de possibilidade para manifestação, tendo firme na linha do horizonte que ao aproximarmo-nos do que compõe e estrutura a poesia grega, estamos também nos aproximando dos manejos referentes às práticas religiosas pois as esferas poética e religiosa, são interdependentes: “praticamente toda a poesia antiga é nossa principal evidência da religião grega” (Burkert, 1985, p. 14).

⁶ Grifo de ênfase.

⁷ Oralidade, memória e tradição.



2. Evocar presenças

Para ponderarmos e dissertarmos sobre a condição das palavras no contexto da poesia na Grécia Antiga, temos que realizar um empreendimento de separar “joio do trigo”, *i.e.*, apontar e distinguir percepções epistêmicas nas quais estamos nós imersos, e que podem interferir numa compreensão adequada do tema. Quando nos referimos à palavra poética estamos comunicando uma categoria diferente de relacionar-se *com* e *no* mundo daquela que é vigente no mundo contemporâneo. Há, nessa malha hermenêutica, múltiplos fios que se entrelaçam e criam sistemas próprios de cognição. Ao falar de “palavra”, acabamos por tocar pela tangente nos termos da “verdade” e “mentira” que, comumente, cabe à ciência defini-las.

Não é novidade, por exemplo, que por “mitos” foram conceituados repertórios, assuntos e demandas que são tidos como não-factíveis, a-verdades, “historinhas” (Eliade, 1963). Mito, em grande parte das vezes, no imaginário popular vigente é, mormente, um sinônimo de mentira. Reputamos como “mito” aquilo que é ultrapassado ou não digno de consideração. No entanto, para entender o que é a palavra poética, a linguagem mitológica, temos de ter empatia com o objeto de estudo e nos esforçarmos para “pensar como os gregos pensavam”, para que, desse modo, possamos compreender adequadamente o que a esfera das palavras significava e como que os antigos helenos se relacionavam com ela.

O primeiro passo de afastamento, consiste em um delineamento do próprio repertório metodológico recorrente às ciências modernas, uma observação atenta quanto aos filtros que são utilizados no processo de averiguação científica e que acabam por ser armazenados no senso comum:

Esse senso comum tem sua origem no pressuposto de que um tipo de linguagem para ser considerada “verdadeira” deve se referir a algo que objetivamente acontece. Uma forma de linguagem que não descreve coisas objetivas seria meramente imaginativa e com menor valor. Por isso mesmo, não é raro se colocar a oposição entre verdade e mito. Essa noção do mito decorre da interpretação literalista em voga no Ocidente por séculos. Com os avanços da ciência, descobriu-se que os mitos eram histórias que não correspondiam à realidade objetiva e foram, apressadamente, associados à falácia e à mentira (Pieper, 2017, p. 156).

Há, na modernidade, uma correspondência de mão única entre o conceito de verdade e aquilo que pode ser observado e manipulado na materialidade da realidade. Se essa correspondência se ausenta, lança-se o objeto para debaixo do tapete da relevância.



É o que aponta Pieper (2017) quando ressalta que com os avanços da ciência, averiguou-se essa não correspondência (bastante restrita, diga-se de passagem) entre os mitos e a realidade. No entanto, a palavra poética, a linguagem mitológica, pertence e se articula em outra geografia conceitual, *i.e.*, em outro contexto epistêmico e hermenêutico, e possui, por sua vez, funções, leis e coerências próprias e distintas.

Os poetas gregos não estavam interessados unicamente em apontar para referências absolutas entre conceito e objeto. A palavra poética é categoricamente distinta da palavra científica. A realidade que cantam os *aedos*, no entanto, não é menos realidade por não ser materialmente verificável, apenas opera em registro díspar. As palavras do canto poético não materializam o que as corresponde, mas evocam as suas respectivas presenças (Torrano, 2007, p. 17): desvela a condição de possibilidade da própria existência, apresentado os fundamentos da realidade não de maneira segmentada, tal qual a predisposta pelos métodos científicos, mas aproximando-a da inteligência e percepção humana em sua unidade, de maneira homogênea. Tem-se, inclusive que o termo *mythos* (que significa “palavra”) designa qualitativamente a palavra que fala do real (Otto, 2022b, p. 39), cujo sentido se ancora na própria existência do homem e seus desdobramentos, portanto, é aberto e múltiplo de interpretações, é o princípio da unidade que, pelo prisma da palavra poética, se desembrulha e anuncia a coexistência de sentidos variados (Pieper, 2017, p. 168).

O segundo afastamento, que se conecta estreitamente ao primeiro, é o estudo de questões situacionais características dos povos arcaicos que acabam por ser a baliza que contorna a oposição conceitual da díade “palavra moderna/científica e palavra poética/mitológica”. Para a condição dos povos antigos pastoris, cuja escrita ainda se dispndia num horizonte distante, a palavra – oral – é a âncora do manejo social. A palavra vasculariza todos os compartimentos da comunidade e, principalmente, são pelas palavras que hierofanias⁸ emergem no arquipélago imagético comunitário.

⁸ “Nunca será demais insistir no paradoxo que constitui toda hierofania, até a mais elementar. Manifestando o sagrado, um objeto qualquer torna-se *outra coisa* e, contudo, continua a ser *ele mesmo*, porque continua a participar do meio cósmico envolvente. Uma pedra *sagrada* nem por isso é menos uma *pedra*; aparentemente (para sermos mais exatos, de um ponto de vista profano) nada a distingue de todas as demais pedras. Para aqueles a cujos olhos uma pedra se revela sagrada, sua realidade imediata transmuda-se numa realidade sobrenatural. Em outras palavras, para aqueles que têm uma experiência religiosa, toda a Natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica. O Cosmos, na sua totalidade, pode tornar-se uma hierofania.” (Eliade, 2018, p. 18)



É por esse motivo que, por vezes, o poeta antigo está até mesmo acima dos reis e daqueles que interpretam as fórmulas pré-jurídicas (Torrano, 2007, p. 16): o poeta é um “pontífice” das palavras, é aquele, inspirado pelas Musas, capaz de acessar a viva memória cultural onde as “presenças” e os tempos (passado, presente e futuro) estão armazenados e repousam em espera para serem evocados pelo canto poético e se manifestarem àqueles que as escutam.

Percebemos, assim, o porquê de a religião estar inserida e encontrar meio de expressão na atividade poética, “as relações entre as palavras e as coisas, no mundo antigo, davam-se sob o signo da reflexão e da conjuração; isto é, as palavras e as coisas que designavam compartilhavam de uma mesma essência. O mundo e as palavras são contrapartidas de uma só realidade” (Krausz, 2007, p. 167). O que se extrai é que essa relação contrapartida se dá por meio de uma aliança simbólica, isto é, uma manifesta a outra e vice-versa, como bem sinalizou Cassirer (1992, p. 64) ao falar da linguagem mítico-religiosa: “todas as formações verbais aparecem outrossim como entidades míticas, providas de determinados poderes míticos, e de que a Palavra se converte numa espécie de arquipotência, onde radica todo o ser e todo acontecer”.

Não é à toa que os homens e as mulheres das sociedades antigas manejavam e estruturavam suas próprias vidas respaldados pela atividade poética. É justamente na poesia que as palavras são articuladas de modo a apresentar a realidade e seus fundamentos em sua potência e seus desdobramentos, de modo a os/as inserir diretamente na relação com os deuses. No contexto dos povos arcaicos, as palavras são entidades de poder, são forças dinâmicas (Frye, 2021, p. 33) e o “sagrado equivale ao poder e, em última análise, à realidade por excelência. O sagrado está saturado de ser. Potência sagrada quer dizer ao mesmo tempo realidade, perenidade e eficácia” (Eliade, 2018, p. 18). Aproximar-se da atividade poética, das palavras míticas ou sagradas, portanto, equivale a participar e responder ao chamado da própria existência e comungar dessa realidade pululante de presença, saturando-se do poder que dela emana e unindo-se às formas e potências armazenados – e que continuam a se desenvolver – na memória desde o princípio das eras.



3. A atividade poética como coroa da memória, oralidade e tradição

Ao dissertarmos sobre as três colunas que possibilitaram a manifestação e prosperidade da atividade poética – a memória, oralidade e tradição – assinalamos uma consideração que concebemos como significativa: o espelhamento que parece se estabelecer entre o *modus operandi* da própria poesia grega antiga e o registro trino que a movimenta. Há, é verdade, um caráter de obviedade na constatação, mas, justamente por ser óbvia, pode parecer, em uma primeira instância, de pouca importância a investigação que lhe salienta. Destacar que a poesia grega se insere numa determinada tradição, por via da transmissão oral, ancorando-se no solo mnemônico não basta para uma perscrutação satisfatória da atividade poética, portanto, vejamos abaixo o “modo como” a poesia exhibe e espelha a sua própria condição de possibilidade. Apresentaremos, dessa maneira, noções preliminares de cada um dos três componentes que balizam a poesia.

Não à toa, os poetas invocavam as Musas no início de suas entoações. Hesíodo (2007, p. 103) no início da Teogonia, apela com a fórmula: “pelas Musas heliconíades começemos a cantar”. As Musas são, portanto, aquelas que possibilitam o próprio canto e que ensinam o poeta o seu ofício. O que se despende em sua afirmação apelativa é a dependência do poeta com as Musas, que por sua vez, são filhas de Mnemosyne e Zeus. Sem a memória, como já vimos, não há atividade poética. E mais: sem a confluência das potências que se mesclam e geram as divinas cantoras, o poeta seria como um escultor sem mármore, um pintor sem tinta, um músico sem sons, não haveria, portanto, a matéria prima para a composição de sua obra. E o que é que canta o poeta? O poeta canta narrativas fundantes, verdades eternas, a glória dos deuses e dos homens e a jornada da existência. Todos esses elementos repousam sob o cetro de Mnemosyne. No entanto, o acervo da Memória não se condiciona, como também vimos anteriormente, em elementos cristalizados, estáticos, mas estão em contínuo movimento, desfolham-se em multiplicidade de camadas a exemplo do que eles mesmos representam. As presenças evocadas pelos poetas estão, justamente, nessa plataforma mnemônica, estão guardadas na memória e à medida em que são cantadas, são reafirmadas, confirmando a chave pela qual se manifesta a narrativa da própria existência: a novidade do conteúdo poético está na força de sua repetição, está em dizer o outrora dito com o ímpeto com que foi proferido pela primeira vez (Torrano, 2007, p. 11). No entanto, as Musas dos poetas também são



filhas de Zeus, aquele que distribui os dons, o ordenador. Quando memória e potência ordenadora se unem, as presenças mnemônicas ganham força de ser, força de manifestação, em que cada elemento assume o seu papel na malha da vida. A presença desvela-se, é “des-coberta”, torna-se cognoscível:

Ao participar, por meio da arte das Musas, do mundo infinito da memória, o homem torna-se capaz de ver além da sua experiência cotidiana. Por meio da narrativa poética, um mundo que não está ao alcance dos seus sentidos se apresenta a seu conhecimento – um mundo que compreende toda a sua vida, todos os seus feitos, toda a sociedade em que ele vive. O que se oferece por meio da poesia tradicional é como um espelho do próprio cosmos, tanto presente como passado (Krausz, 2007, p. 18).

Sendo assim, ao conter em si a capacidade de evocar presenças da memória e apresenta-las ao palco da inteligência humana, a poesia grega antiga, de natureza oral, é também, não estática, não fixa, semelhante à sua condição de possibilidade, a memória. Ademais a poesia é gancho que conecta passado, presente e futuro e por não possuir formas escritas fixas, “torna o passado tão fluido e incerto quando o futuro, e como tal, portanto, passível de ser reatualizado e recriado a cada vez que é rememorado, num jogo infinito de espelhos duplos, em que as imagens do passado também reproduzem acontecimentos correntes” (Krausz, 2007, p. 25). A poesia da Grécia Antiga, por conseguinte, é retroativa: da mesma forma que acessa memória, preserva-a, e uma vez preservada, torna-a passível de acessos futuros.

Desponta, nesse contexto, uma questão inevitável no horizonte do estudo: como o poeta acessa o acervo mnemônico e de que maneira o perpetua? Cada objeto requer um modo específico de aproximação. Não se aperta um parafuso com uma pluma. Com a poesia grega antiga não é diferente. O modo pelo qual os poetas se tornam íntimos da poesia, pelo que os dados do estudo apontam, é por meio da oralidade e tradição. Sem a transmissão oral⁹ e a tradição, à memória, dramaticamente, sobejaria as trevas do esquecimento. A atividade oral está intrinsecamente condicionada ao registro da relação, à dependência de locutor e interlocutor. Quem apresenta uma mensagem, a apresenta para alguém. A transmissão poética, em contrapartida, se realiza sob o estandarte da tradição que era a responsável por indicar aos cantores o modo próprio da poesia, “é bom lembrar

⁹ Entende-se, aqui, como “transmissão oral” o que fora trabalhado anteriormente: os *mýthoi* transmitidos “boca a boca” nos núcleos familiares e a “voz dos poetas”; ambos assinalados por Vernant (2006, p. 15).



que as apresentações orais revelam um amplo *continuum* de relações com seus públicos, variando de tradição em tradição e até mesmo de aldeia em aldeia” (Scodel, 2002, p. 9). Desse modo, as tradições ocupavam o papel de alicerce instrutivo que conectava poeta, poesia e audiência, fornecendo senso de continuidade cultural ao associar as gerações presentes com seus antepassados e preparando o caminho para as gerações posteriores. A tradição de tal forma exerceu a sua influência, a ponto de podermos afirmar que “a unidade espiritual dos gregos foi fundada e sustentada pela poesia – uma poesia que ainda poderia recorrer à tradição oral viva para produzir uma união feliz de liberdade e forma, espontaneidade e disciplina” (Burkert, 1985, p. 170) ou ainda “se não existissem todas as obras da poesia épica, lírica e dramática, poder-se-ia falar de cultos gregos no plural, mas não de *uma*¹⁰ religião grega” (Vernant, 2006, p. 16).

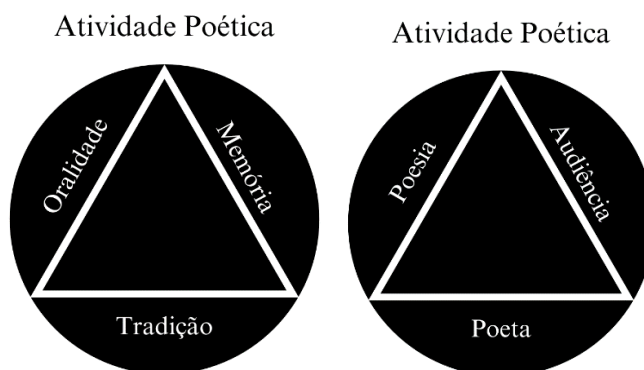
A tradição oral, categoria na qual a atividade poética dos gregos antigos se instala, dispunha de suas próprias fórmulas na composição dos cantos. Temos no quadro geral, de um lado o caráter oral e não escrito, do outro a urgência de comunicação de repertório mnemônico. Configura-se um obstáculo e exige-se uma resposta que o supere. Lord (1991, p. 76), ao discordar de estudos que igualam a poesia grega com o que chamaríamos de improvisação, assinala que o melhor termo para que se defina a tradição oral é “composição por fórmula e tema” ou “composição em performance” ou ainda “recomposição no desempenho”. O que se está a acentuar é a dinâmica poética oral em que o conteúdo é mantido e deve ser respeitado, ainda que haja variação na articulação das palavras. As narrativas se sobrepõem umas as outras em suas variações sem que se perca o fio que as une. Deve obedecer às limitações prescritas pelo corpo da tradição, caso contrário, se frustra a própria atividade poética por dificuldade de decodificação da audiência: um cantor que compõe uma variação poética “se inscreve numa tradição; quer se amolde a ela com exatidão, quer se afaste em algum ponto, é sustentado por ela, apóia-se nela e deve referir-se a ela, pelo menos implicitamente, se quiser que sua narrativa seja entendida pelo público” (Vernant, 2006, p. 25). Destarte, o que viabiliza e pavimenta o estrado da comunicação é a familiaridade da audiência com o conteúdo cantado pelos poetas.

Expomos, por fim, no quadro abaixo, o espelhamento entre o *modus operandi* da atividade poética e os princípios imperativos que a condicionam e possibilitam: a

¹⁰ Grifo do autor.

oralidade está para a poesia, assim como a tradição está para o poeta e a memória para a audiência. O poeta que se insere no tronco da tradição, é também o símbolo que a revela; a poesia que é perpassada oralmente, é também o exemplo máximo de sua eficiência e a audiência que depende da memória para que desenvolva os ramos de sua cultura, é também o corpo que a presentifica.

Figura 2 – Atividade Poética: comparativo entre oralidade, memória e tradição com poesia audiência e poeta



Fonte: Figura elaborada pela autora (2026).

Desse modo, observamos que a atividade poética é a coroa simbólica que adorna e perpetua elementos fundamentais, itens *sine qua non*, que foram condição de possibilidade, constituíram e fertilizaram a plataforma do florescimento cultural da Grécia Antiga.

4. A inspiração divina e a relação com as Musas: cantar a glória (*kléos*) dos deuses e dos homens

Nesse penúltimo degrau do presente artigo, atentemos nossos ouvidos para o que cantam as Musas aos seus poetas. Observemos, portanto, após termos analisado o quadro geral que contorna a atividade poética, a própria substância dos cantos e quais são as repercussões e desdobramentos que essas melodias fazem ecoar nos recônditos da existência daqueles que a escutam e recebem.

Vimos que os poetas eram aqueles que possuíam vínculo direto com as Musas, que lhes ensinavam sobre as verdades fundantes e as equações que regem o cosmos. Os poetas eram os pontífices inspirados, os mediadores responsáveis por interligar o Olimpo e o reino dos mortais ao traduzir aos homens as mensagens entoadas e ensinadas pelas Musas. Mas, pensemos, qual é a plataforma que ancora o canto das Musas e, por



consequente, manifesta-se no canto dos poetas? Que tipo de verdade é essa, acessada e professada pelos cantores às suas comunidades?

Otto (2022b, p. 50) expõe que a finalidade para a qual as Musas foram criadas reside numa específica constatação e alegação: após Zeus ter renovado o mundo, perguntou aos deuses se algo lhe faltava para que fosse perfeito, ao que responderam: “uma voz divina para proclamar e louvar a magnificência”. As Musas foram, portanto, o elemento crucial para que a ordem se estabelecesse enquanto perfeita, a chave harmônica do cosmos. Entretanto não basta dizer que “no canto que as Musas entoam ressoa a verdade do Ser pleno de divindade, resplandecente desde as profundezas, a revelar, até mesmo no mais tenebroso e atormentado, a eterna glória e venturosa serenidade do divino” (Otto, 2022b, p. 51). Temos de dar um passo a mais e sondar na interferência desse canto “pleno de divindade” num mundo habitado por mulheres e homens.

Há uma distinção abismal que diferencia e separa o Olimpo do reino dos homens: a mortalidade. Os homens morrem, os deuses não. Os homens sentem-se fatigados, os deuses são plenos de potência. Os homens se frustram, os deuses emanam realização. São duas realidades, dois reinos, ontologicamente dessemelhantes. O poeta é aquele que possui capacidade de manter-se em contato com ambas as esferas, e o encargo de revelar aos homens comuns uma instância que lhes é oculta. Ao delinear o reino dos deuses, o poeta abre uma janela de percepção aos que o escutam: apresenta-se uma nova forma de se relacionar com os acontecimentos da própria vida e por fim, de encarar a morte. Por ser inspirado pelas Musas, o poeta também canta e louva a magnificência dos deuses por meio de imagens, palavras e músicas que “distraem a atenção dos ouvintes de problemas e preocupações cotidianas, mostrando-lhes um retrato maior do cosmo, em que tais preocupações surgem em nova perspectiva” (Krausz, 2007, p. 24). Essa função poética situa a dor particular de um homem ou de uma mulher num quadro geral mais amplo, diante da plenitude dos deuses. Há, desse modo, uma realocação das tramas e dos dramas humanos: antes, vivenciados no microcosmo pessoal de cada sujeito, passam a ser preenchidos de sentido e rearticulados no macrocosmo, diante daqueles que coordenam o Olimpo.

O poeta, por sua vez, inspirado pelas Musas, filhas de Mnemosyne e de Zeus, não precisa criar nenhuma novidade, não precisa saber de nada, precisa, sim, ser um bom ouvinte, “tudo o que ele precisa fazer é ouvir o *kleos*” (Nagy, 2013, p. 104) e, uma vez



tendo ouvido sobre essa glória, deve se dispor a narrá-la aos indivíduos de sua comunidade. Mas... o que seria cantar essa glória?

Gloriar é expor um ser ou um fato à luz da manifestação, tal como a essência mesma deste ser ou fato o exige e impõe. Glória (*kléos*) é esta força de desvelação própria do que é glorioso, i.e., do que por sua essência mesma reclama a desvelação; – e essa força é *Kleió*, Glória, uma das Musas. Por isso, o poeta consagrado pelo poder das Musas ao exercício deste mesmo poder, tem por função gloriar, i.e., desvelar o que por essência reclama desvelação (Torrano, 2007, p. 27).

Desse modo, ao gloriar a mensagem das Musas, o poeta põe a magnificência dos deuses à luz da manifestação. Revela aos homens e mulheres uma esfera distinta daquela em que estão inseridos e que os condiciona, o fado da questão última de última instância: o problema da morte e do perecimento.

Semenzato (2017) ao falar sobre a Teogonia de Hesíodo explicita que a tarefa do poeta é explícita no poema. Assinala que num contexto de lamúria, quando um sujeito está imerso na dor, sem força vital e com o coração aflito, a voz poética é capaz de mudar tudo: “o servo das Musas muda de ideia, lembrando-o dos ruídos dos grandes homens antigos e dos deuses afortunados do Olimpo” (Semenzato, 2017, p. 92). O canto que é capaz de distrair o ouvinte de suas preocupações cotidianas, também traz resposta, provendo aos ouvintes, prazer e sabedoria (Krausz, 2007, p. 24).

Esse prazer e sabedoria são também alívio. Não são qualquer tipo de prazer, tampouco qualquer tipo de sabedoria, são o desvelamento do Ser dos deuses. É o ressoar dos tamancos dos deuses no Olimpo. Se o canto das sereias faculta aos que o escutam apenas uma morte ignominiosa e sem enterro, o fado do esquecimento sem rememorações, “o canto das Musas confere aos heróis mortos uma vida imperecível” (Hartog, 1996, p. 46). Para os gregos antigos “tornar-se assunto de uma canção, de um poema, é a única maneira existente para se escapar do esquecimento e, portanto, para conquistar uma certa forma de imortalidade, que é a de existir para sempre, para além da morte, na memória” (Krausz, 2007, p. 25).

Em suma, o canto poético que desvela a o reino dos deuses, manifestando-o ao reino dos mortais é, nada mais nada menos, uma aproximação entre ambas as esferas opostas diametralmente. No entanto, ao distrair os indivíduos de preocupações cotidianas e inserir suas dores num quadro mais amplo e cheio de sentido, o canto poético permite participação pois “mais ainda consolam os deuses quando vêm ao encontro dos homens



– os deuses, a quem não atinge nenhum sofrimento. Não consolam tanto com o que dão ou prometem, mas com o que *são*” (Otto, 2022b, p. 53). Ouvir sobre os deuses é participar do canto das Musas que dão a conhecer a glória dos deuses. Desvelar e manifestar a magnificência das potências fundantes e olímpianas é dá-las de conhecer e, para a raça humana, conhecer é já uma participação. Ao participar do canto poético, a audiência insere-se em cenários eternos.

Considerações finais

Por fim, concluímos o artigo que se empenhou em investigar a atividade poética e a função do poeta na Grécia Antiga, salientando as estruturas e condições da poesia, assinalando-a como a coroa que adorna os princípios de articulação da sociedade (oralidade, memória e tradição) de modo a refleti-los em seu próprio funcionamento. Exploramos ainda a posição do poeta como enunciador da verdade, como ministro e servo que lhe dedicava veneração e honra cultural (Otto, 2022b, p. 49). Observamos ainda os desdobramentos do canto das Musas na jornada existencial humana como ponto de encontro entre os imortais e os mortais, ressaltando que ao testificarem a privilegiada glória dos deuses e transmitirem suas proezas, os poetas uniam microcosmo e macrocosmo, possibilitando participação dos homens e mulheres da eterna história dos deuses.

Apontamos também para os poetas enquanto guardiões do repertório cultural e da memória divina, como administradores da malha epistêmica e hermenêutica, simbólica e imagética de toda uma comunidade que dependia do canto para articular os contornos das fórmulas e disposições da própria religião. Como vimos, a poesia grega não era um mero artefato de entretenimento, mas um meio poderoso de pedagogia comunitária pois transcendia o tempo e perpetuava as verdades fundantes enquanto moldava a cultura. As palavras dos poetas continuam a encher o mundo de presenças para aqueles que se atentam.

Desse modo, investigar e compreender a figura do poeta grego e compreender seu *locus* funcional no contexto social corresponde a compreender, também, uma das formas mais antigas de relação entre a linguagem e experiência do sagrado. Mais do que uma expressão estética, a palavra poética possuía uma abordagem ontológica: instaurava e desvendava a dimensão do ser na e para a existência humana e conotava sentido àquilo



que, na ausência do canto poético, permaneceria obscuro. É nesse horizonte que o poeta assume uma postura de uma figura liminar pois habita o entre-lugar onde homens e deuses se tangem. O poeta não cria por si mesmo, de modo autóctone e solipsista, antes, inspirado pelas Musas, canta a glória dos deuses. A poesia, portanto, é uma revelação da linguagem, *i.e.*, um modo pelo qual o sentido, ao ser expressado, manifesta a potência de fazer-ser.

Na mesma esteira de apreensão, pode-se deslindar que o poeta, enquanto guardião da memória comunitária, torna evidente o elo intrínseco entre i) a palavra e a eusebeia e ii) a dimensão circular do tempo sagrado. O canto poético é o canal de transmissão e de restauração constante da piedade/devoção, tendo-se em vista que ao expressar um passado sagrado dos deuses, renova-o e instaura-o no momento presente, elucidando que o tempo pretérito não se resume a um evento “morto”/ “que já foi”, mas é a pedra fundamental, a fundação, do tempo presente. Portanto, o poeta, mais do que herdeiro e portador da tradição, é aquele que se resiste às ruínas do tempo, que converte a fraqueza do instante em potência permanente, é o vetor de mediação situado entre a rememoração e o esquecimento, aquele que nega o copo das águas do Rio *Lēthē*¹¹ e declara a sua comunidade: *aletheia*¹²!

Se Eliade (1963, p. 107) estiver correto ao afirmar que “o verdadeiro sacrilégio é esquecer o ato divino”, os poetas, da inspiração divina à eterna memória, não apenas cantaram sobre os deuses concedendo possibilidade de relação com a esfera dos imortais à raça humana, amenizando as mazelas dos homens com o Ser dos deuses, mas em uníssono com o canto das Musas, ainda são capazes de presentificar as verdades fundantes para aqueles que, atentos, desejam ouvir as doces melodias provenientes do Olimpo. Pois pouco importa o *locus* – espaço-temporal ou simbólico –, onde quer que a palavra poética

¹¹ O Rio *Lēthē* (em grego Λήθη), na mitologia grega, é um dos cinco rios localizados no submundo, Hades. Lete, deusa do esquecimento, é filha de Eris, a deusa das desavenças, dos desacordos, dos desentendimentos. No rol da tradição, as almas dos mortos, ao beberem das águas do Rio *Lēthē*, sofriam amnésia, *i.e.*, tinham suas memórias da vida terrena e de sua existência apagadas. O Prof. Fábio Vergara em entrevista a Profa. Maria Aparecida elucida: “O rio Lete, essa deusa do esquecimento, tem águas das quais beberão, se me permite o uso do termo para facilitar aqui, as almas dos mortos. Esse ato gerará o esquecimento que caracterizará a concepção de morte para os gregos: a perda da individualidade” (Silva; Cerqueira, 2024, p. 88, tradução nossa) (*The river Lethe, this goddess of forgetting, has waters that the souls of the dead will drink from. This act will generate the forgetting that characterizes the Greek conception of death: the loss of individuality*). Por isso, o rio *Lēthē* era conhecido como o rio do esquecimento. Em oposição a *lēthē* (que deriva da raiz que significa esquecimento), há *alētheia*, “não-esquecimento”, que será abordada, posteriormente, como sinônimo de verdade.

¹² A palavra grega *aletheia* (ἀλήθεια) é composta do prefixo privativo *a-* (não) e *lēthē* (esquecimento, ocultamento), indicando “não-esquecimento”.



ressoe, onde quer que o verso da glória dos deuses seja ecoado, ali, o instante passageiro se encontra com o tempo cosmogônico e o efêmero dá à luz às potências fundantes.

Referências bibliográficas

BRANDÃO, Jacyntho L. As Musas ensinam a mentir. *Ágora. Estudos clássicos em debate*, [S. l.], v. 2, p. 7-20, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.34624/agora.v0i2.11763>. Acesso em: 14 mar. 2026.

BRANDÃO, Junito de S. *Mitologia grega*, vol. 1. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

BURKERT, Walter. *Greek religion: arcaic and classical*. Oxford: Blackwell Publishing, 1985.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Editora Pensamento, 2013.

CASSIRER, Ernst. *Linguagem e mito*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

DETIENNE, Marcel. *Os mestres da verdade na Grécia Antiga*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

ELIADE, Mircea. *Myth and reality*. New York: Harper and Row, 1963.

ENGLER, Steven; STAUSBERG, Michel (eds.). *The routledge handbook of research methods in the study of religion*. Oxon: Routledge Taylor & Francis Group, 2011.

FRANKEL, Hermann. *Early Greek poetry and philosophy*. Oxford: Helen and Kurt Wolff Book, 1962.

FRYE, Northrop. *O grande código: a bíblia e a literatura*. Campinas: Editora Sétimo Selo, 2021.

HARTOG, François. *Mémoire d'Ulysse: récits sur la frontière en Grèce ancienne*. Paris: Editeur Gallimard, 1996.

HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. Estudo e tradução de Jaa Torrano. 7. ed. São Paulo: Editora Iluminuras, 2007.

KRAUSZ, Luis S. *As Musas: poesia e divindade na Grécia arcaica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

LORD, Albert B. *Epic singers and oral tradition*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1991.



NAGY, Gregory. *Ancient greek hero in 24 hours*. Cambridge: The Belknap Press of Havard University Press, 2013.

NAGY, Gregory. *Homeric Questions*. Austin: University of Texas Press, 1996.

NOTOUPOLOS, James A. Mnemosyne in oral literature. *American Philological Association*, v. 69, p. 465-493, 1938.

OTTO, Walter F. *Las Musas: el origen divino del canto y del mito*. Buenos Aires: Editora Universitaria de Buenos Aires, 1981.

OTTO, Walter F. *Os deuses da Grécia*. 2.ed. São Paulo: Odysseus Editora, 2022a.

OTTO, Walter F. *Teofanía*. 2. ed. São Paulo: Odysseus Editora, 2022b.

PIEPER, Frederico. *Linguagem mitológica e hermenêutica*. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.

SCODEL, Ruth. *Listening to Homer: tradition, narrative and audience*. United States of America: The University of Michigan Press, 2002.

SEMENTZATO, Camille. *A l'écoute des Muses em Grèce Arcaïque*. Berlim: De Gruyter, 2017.

SILVA, Maria A.; CERQUEIRA, Fábio V. Memória e esquecimento no mundo antigo: entrevista com o Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v. 43, p. 86-94, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2448-1750.revmae.2024.232397>. Acesso em: 14 mar. 2026.

TORRANO, Jaa. O mundo como função de musas. In: HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. Estudo e tradução de Jaa Torrano. 7. ed. São Paulo: Editora Iluminuras, 2007, p. 13-98.

VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e religião na Grécia antiga*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.